ufjf

Faculdade de Serviço Social PPGSS/UFJF

CAPES

ANAIS

V.4 N.1 (2022)

ISSN: 25944533

VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL

Lutas Sociais, Ofensiva Ultraneoliberal e Serviço Social:
resistências e articulações internacionais

REALIZAÇÃO

ufjf
FACULDADE DE
SERVIÇO SOCIAL
PPGSS/UFJF

APOIO

CAPES

MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E REPRODUÇÃO AMPLIADA DA BARBÁRIE. Caminhos e descaminhos para a classe trabalhadora[1]

María Fernanda Escurra[2]

Roberto Coelho do Carmo[3]

Resumo: Este trabalho apresenta uma breve reflexão teórica, tendo como pano de fundo situações específicas ocorridas no Brasil e o contexto da pandemia do Coronavírus. Para isto, se parte de duas observações gerais que confirmam como na atual configuração da ordem burguesa vivencia-se um processo de reatualização da barbárie, característica do período da emergência desta forma de organização social. A partir de algumas abstrações é apresentado um ensaio de interpretação no plano político-econômico em relação aos caminhos e descaminhos da política para a classe trabalhadora. Uma provocação ao leitor e a apresentação de algumas questões de um diálogo que precisa ser adensado.

Palavras-chave: Ordem burguesa. Barbárie. Política. Classe trabalhadora.

Abstract: This paper presents a brief theoretical reflection, having as a background specific situations that occurred in Brazil and the context of the Coronavirus pandemic. For this, it starts with two general observations that confirm how the current configuration of the bourgeois order is experiencing a process of re-updating barbarism, characteristic of the period of emergence of this form of social organization. Based on some abstractions, an interpretation essay on the political-economic level is presented in relation to the paths and misdirections of politics for the working class. A provocation to the reader and the presentation of some questions of a dialogue that needs to be deepened.

Keywords: Bourgeois order. Barbarism. Policy. Working class.

[1]Eixo temático: Ofensiva ultraneoliberal do capital e lutas sociais.

[2]Assistente Social. Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutora em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Adjunta da Faculdade de Serviço Social/UERJ. E-mail: maria.fernanda.escurra@uerj.br

[3]Assistente Social. Mestre e Doutor em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Adjunto do Departamento de Serviço Social da UFOP. Pós-doutorando em Serviço Social pela UNIFESP. E-mail: roberto.carmo@ufop.edu.br

1- INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma breve reflexão teórica, tendo como pano de fundo situações específicas ocorridas no Brasil e o contexto da pandemia do Coronavírus para, a partir de algumas abstrações, apresentar um ensaio de interpretação no plano político-econômico em relação aos caminhos e descaminhos da política para a classe trabalhadora. Para isto, se parte de duas observações gerais que confirmam como na atual configuração da ordem burguesa vivencia-se um processo de reatualização da barbárie, característica do período da emergência desta forma de organização social. A primeira observação é que a lei geral da acumulação capitalista, exposta por Marx há mais de 150 anos, apesar de significativas transformações experimentadas pelo capitalismo contemporâneo, assim como das grandes diferenças que caracterizam as diversas economias nacionais, ainda hoje se manifesta tendencialmente na permanente produção e reprodução de uma população excedente às necessidades médias de acumulação do capital; na necessidade de revenda contínua da força de trabalho por parte do trabalhador despossuído dos meios de produção; na redução em termos relativos da parcela de valor apropriada pelos trabalhadores, independente de possíveis aumentos salariais e melhoria nas condições de vida o que expressa a pobreza relativa da classe trabalhadora; e, na existência de uma camada de população excedente que vegeta no pauperismo.

A segunda observação é que a análise desenvolvida por Marx em relação à acumulação primitiva, no capítulo XXIV de *O Capital*, não deve ser compreendida como um processo histórico concluído, dada a necessidade de reproduzir em escala sempre ampliada processos de barbárie e expropriação. Portanto, o que na acumulação primitiva aparece como transição do sistema feudal para o modo de produção capitalista, como um processo histórico da gênese do capital, na acumulação ampliada constitui um processo contínuo que só chegará a seu fim com a eliminação do próprio capitalismo (ROSDOLSKY, 1989).

Nesta perspectiva, é possível afirmar que a marca original do desenvolvimento do capital consiste no desenvolvimento sistemático de retrocesso social e impulsiona a socialização da sua existência em escala sempre ampliada. Trata-se de processos de expropriação contemporâneos que Fontes (2010) denomina de primários e secundários como a contraface necessária da concentração exacerbada de capitais, forma mais selvagem da expansão do capital. Conforme a autora, os processos primários dizem respeito a uma sucessão de eventos em curso há mais de quatro séculos e que

continuam extirpando os recursos sociais de produção das mãos de trabalhadores rurais. As formas secundárias são variadas e abarcam tanto setores nos quais já vigoravam plenamente relações capitalistas, como a privatização de empresas e instituições públicas, quanto de bens naturais sobre os quais até então não incidia propriedade exclusiva do tipo capitalista, como as águas doces e salgadas, a qualidade do ar, o patrimônio histórico e cultural e o patenteamento de códigos genéticos.

Se no primeiro momento, nos períodos de acumulação primitiva no contexto da criação da figura do "trabalhador assalariado", poderia parecer que a barbárie era resultado de uma pobreza generalizada, hoje, com o capitalismo amadurecido, a extraordinária diversificação de mercadorias e um volume de riqueza sem precedentes, o problema pode aparecer como um problema de distribuição. Sim, de fato, há um problema de distribuição, mas este é, fundamentalmente, um problema da lógica do modo de produção, aspecto que se buscará demonstrar de partida. Em seguida, apresenta-se um breve diálogo com a classe trabalhadora sobre a dimensão política.

2- A LÓGICA DESTRUTIVA DO CAPITAL

A lógica imanente do modo de produção capitalista combina traços gerais que dizem respeito às suas contradições fundamentais presentes em recessões econômicas e fases de depressão. Por conseguinte, as crises não são resultado do acaso, nem o produto de elementos exógenos ou acidentais, embora estes fatores desempenhem um papel nas especificidades de cada ciclo (MANDEL, 1990). A crise estrutural de reordenamento do capital das últimas décadas é agravada com a "pandemia socionatural" do Coronavírus produto da vida social capitalista que assola o mundo desde início de 2020 e revela mais do que uma mera crise sanitária (JAPPE, et al., 2022). De fato, "o biológico, para a humanidade, só existe embutido na trama das relações sócio-históricas. Isso porque o indivíduo não é exterior à sociedade; pelo contrário, constitui-se nela e por ela" (JAPPE, et al., 2020, p.32).

A sistematização da genética da ordem burguesa realizada por Duayer (2011), a partir da obra prima de Marx, permite que se perceba com clareza algumas características do capital. Aqui destacam-se pelo menos dois dos nove elementos orgânicos do capital apresentados pelo autor. Um deles é o dispositivo de crescimento constante da riqueza no capitalismo. Como o objetivo final da produção é a produção de mais valor, componente do lucro, no final de cada ciclo produtivo se tem mais riqueza que no início, e, em cada reinício, o volume de riqueza de partida é maior. Ocorre que esta

riqueza crescente e abundante é privadamente apropriada e convive com situações de pobreza. Com isso, se destacam outras características, como o estranhamento, a alienação tipicamente capitalista, que reproduz uma forma característica de dominação abstrata e impessoal somada à dominação de classe que caracteriza esta sociedade. Entretanto, cabe aqui registrar a contradição peculiar da lógica capitalista que, ao mesmo tempo em que tem como fim a valorização do valor, com o desenvolvimento das forças produtivas, diminui a substância do valor das mercadorias dado que passam a ser produzidas em maior número com menos tempo de trabalho social médio, contendo, assim, menos valor por unidade produzida. Em adição a isso, essa dinâmica de apropriação do mais-valor pelo capital decorre do aumento da produtividade do trabalho social expresso na grandeza da massa dos meios de produção em relação ao *quantum* de trabalho vivo necessário para acionar esses meios de produção, processo que, tendencialmente, torna a força de trabalho supérflua.

A compreensão dessas situações de pobreza, como produto das relações sociais e na especificidade que assume sob o modo de produção capitalista, evidentemente, não pode ser limitada a um problema de distribuição, apesar do caráter imprescindível de medidas distributivas e do fato que muitas vezes tais medidas constituem conquistas de direitos e são claramente necessárias para garantir uma vida mais ou menos digna de amplas parcelas da classe trabalhadora. Entretanto, como observado por Marx (1994), em certa medida, elas são de interesse dos capitalistas para garantir a reprodução da força de trabalho e do exército de reserva que precisa estar disponível para os momentos de expansão da acumulação e, inclusive, tais medidas não podem chegar ao ponto de colocar em risco a permanência do próprio sistema. Neste particular, alguns autores ressaltam que a existência de "lutas contra o capital" não significa que automaticamente sejam lutas anticapitalistas, mas, ao contrário, muitas vezes são postas e moldadas pelo próprio capital à sua lógica, consolidando a identidade e a criação de uma classe de trabalhadores e a mediação pelo trabalho como características essenciais do capitalismo.[4] Desse modo, observa-se que a existência e a continuidade dessas medidas distributivas é a evidência de que sob o capital não é possível superar o fenômeno da pobreza e da fome, não podendo uma análise crítica estar baseada nem se limitar à distribuição de riqueza como horizonte de análise e de ação.

[4] Cf. Murthy (2009, p. 14-15) e Heinrich (2014, p. 36-37).

3- BARBÁRIE PRIMITIVA E CONTEMPORÂNEA

A inventividade dos representantes do capital em criar mecanismos de intensificação da exploração não tem limites. Todo este processo exploratório e de concentração de capital é agudizado pela financeirização da economia, que abocanha uma fatia do salário do trabalhador pelo microcrédito, enquanto se alimenta do capital produtivo e dos Estados, exploradores comumente conhecidos como investidores. Se a pandemia significou crise, há de se perguntar: para quem? Isso porque os 1000 bilionários mais ricos do globo recuperaram, e até aumentaram suas fortunas durante a pandemia (OXFAM, 2021), desse modo, pode-se dizer que a crise econômico-sanitária tem nome e endereço, quer dizer, ela repercute enquanto crise na vida dos mais pobres. OXFAM, no relatório sobre a gestão do momento pandêmico intitulado "O vírus da desigualdade", apresentou a enorme desigualdade do impacto da crise econômico e sanitária entre os mais ricos e os mais pobres. Segundo os autores, a pandemia atinge um mundo extremamente desigual e acentua ainda mais o abismo entre os mais ricos e os mais pobres.

O capital possui um claro caráter discriminatório de classes. É sintomático que a pandemia só se tornou um problema para o capital quando o trabalho precisou parar para continuar a existir, ou quando lotados os leitos de hospitais como o *CopaStar*, descrito no jornal Extra da seguinte forma:

> um piano no hall e uma grande obra do artista plástico japonês Yutaka Toyota numa das paredes. Perto dos sofás, livros de arte são oferecidos como distração, num ambiente que conta com uma fragrância exclusiva, de notas amadeiradas e cítricas. Passando pelo balcão da recepção, há um restaurante com cardápio elaborado pelo chef francês Roland Villard, uma estrela no Guia Michelin, e com cozinha tocada pelo suíço Steve Moreillon. (LIMA, 2016,s.p.)

No Brasil, em contexto da pandemia, assiste-se ao recrudescimento da pobreza histórica e da desigualdade socioestrutural, de forma concomitante com a evidência da precarização do sistema de saúde público e com políticas governamentais que desconsideram a ciência, assim como os protocolos internacionais para o enfrentamento da pandemia que, até final de maio de 2022, provocou a morte de mais de 666.000 pessoas e um número de casos conhecidos confirmados que alcançou quase 31.000.000.Desse modo, as mortes provocadas pelo coronavírus no país e uma política econômica de potencialização dos ganhos no mercado financeiro conduz a uma enorme crise que rememora a barbárie dos tempos de acumulação primitiva.

Neste contexto, o cenário de fome deixa transparecer o recrudescimento da pobreza através de cenas dramáticas como é o caso de vídeo gravado em bairro nobre

de Fortaleza que, em outubro de 2021, viralizou nas redes sociais, mostrando um grupo de pessoas, em sua maioria mulheres, revirando a caçamba de um caminhão e latas de lixo em busca de restos de comida. Mais alguns exemplos ilustram essas cenas. Em Cuiabá, capital de Mato Grosso, a notícia de que em dezembro de 2021, às vésperas do Natal, uma fila enorme de pessoas foi formada para receber doação de sobras de ossos de dono de açougue. Diversas reportagens fazem referência à comercialização de ossos de carne em todo o Brasil, com preços diferenciados para os ossos de primeira e de segunda cujo aumento na demanda, inclusive, acarretou a alta de preços. Neste contexto, no chamado "mercado da miséria", ossos, pelancas, carcaças e pés de galinhas são estratégias adotadas por amplas camadas de trabalhadores pobres para reforçar a alimentação.

Na minuciosa pesquisa realizada por Engels no século XIX, sobre a situação da classe trabalhadora inglesa, o autor constata que como resultado da fome, diante a falta de melhor alimento, "apanha-se tudo o que possa conter um átomo que seja produto comestível", sejam cascas das batatas, resíduos de legumes ou vegetais apodrecidos. (1988, p. 87).[5] Marx, nos *Manuscritos de 1861-1863,* de forma irônica cita o belo livro de receitas de culinária do Conde Rumford, recomendada por Eden aos diretores das casas de trabalhadores, para a preparação de mixórdias dos tipos mais baratos. Certamente a pobreza assustadora daquela época não convivia com a abundância e diversificação de produtos que existem hoje. De qualquer forma, absurdamente, dada a atual abundância, a fome no mundo não foi superada e, assim como no caso do "filósofo" Rumford no século XVIII, ainda hoje preocupa e mobiliza organizações, governos e amplos setores da sociedade para garantir a alimentação dos pobres extremos, como primeira e mais urgente medida a ser tomada para evitar no século XXI a morte por inanição de seres humanos.

4-CAMINHOS E DESCAMINHOS

Como se pôde observar, o capitalismo é um potente motor produtor de riqueza social. Ao passo que ainda hoje é manifesta a tendência de concentração dessa riqueza, a pobreza se espraia. Mesmo com os recursos materiais e de inteligência acumuladas

[5] O caráter capitalista da economia de mercado e suas consequências são ilustrados por Mandel (1990, p. 117) quando faz referência ao"espetáculo aflitivo de metade da humanidade passar fome não porque o mundo careça de produtos alimentares, mas porque a demanda solvível não pode seguir a física. Apesar da abundância de valores de uso, os valores de troca são inacessíveis, e algumas vezes até destruídos condenando milhões de seres humanos a uma existência infra-humana." (MANDEL, 1990, p. 117).

por séculos, ainda se observam pessoas que vivem em condições subumanas. Recupera-se aqui também que a questão problema do capitalismo não é a distribuição dessa riqueza, mas sua lógica interna de dominação abstrata. Este modo de produção diz respeito a uma "forma determinada da atividade desses indivíduos, de uma forma determinada de exteriorizarem a sua vida, de um determinado modo de vida" (MARX, 2009, p.24). E aquilo que os indivíduos são "depende das condições materiais da sua produção" (MARX, 2009, 25). Isso posto, supõe-se que estas condições subumanas promoveriam um encurtamento do horizonte político da classe trabalhadora. Isto porque as necessidades imediatas e primárias seriam mais urgentes que as necessidades de transformação social, já que "os homens têm de estar em condições de viver para poderem "fazer história"" (MARX, 2009, p.40). O paradoxo aqui é que se é essa sociedade que produz tal condição subumana, como seria possível a organização coletiva com potencial para romper esta lógica?

O capital, como relação social, depende da valorização realizada no processo de trabalho capitalista. Assim, como já lembrado aqui, em alguns momentos, para garantir a manutenção da força de trabalho e do exército de reserva, uma maior distribuição pode ser realizada. Ao passo que, aliado a isso, um encurtamento do horizonte político da classe trabalhadora posto pelas condições objetivas de miséria e fome, pode explicar uma conciliação entre as classes por esta proposta distributiva. A questão não é nova e já foi adequadamente tratada em trabalho anterior do filósofo José Chasin (2000). Em sua problematização sobre os movimentos grevistas dos anos 1970, e que culminaram na abertura político-democrática do Brasil, o autor resgata que o acirramento das tendências capitalistas, acabaram por se manifestar no empobrecimento da classe trabalhadora, na fome. Destaca ainda que se os movimentos trabalhadores puderam lograr ganhos políticos à época, também há de se considerar que poderia não haver tal movimento, caso não houvesse uma reivindicação de cunho econômico. Nas palavras do autor: "Seria mentiroso da minha parte dizer que o movimento foi de cunho econômico. Da mesma forma que seria enganoso da minha parte dizer que a classe trabalhadora vai fazer uma greve eminentemente política, sem nenhuma reivindicação" (CHASIN, 2000, p. 51). "Na raiz da fome, - o arrocho, na raiz da greve, - a fome." (CHASIN, 2000, p.52).

Algumas questões se colocariam para o debate contemporâneo, onde o combate à fome esteve no centro de uma estratégia de desenvolvimento. O que é a "fome" hoje? Quer dizer, a fome é sempre fome, e continuará a simbolizar na vida das pessoas o papel da escassez e da impossibilidade de garantir sua existência enquanto gênero humano, mas é apenas essa escassez extrema capaz de contribuir com tal ordem de mobilização?

Que elemento é este além da política, capaz de promover mobilização de tal monta? A solidariedade? Ou sentimentos menos nobres como o egoísmo, típico do "homem burguês"?[6] Deste modo, as questões que encerram este trabalho, são provocações necessárias para o arrefecimento da luta política, seja no plano de uma estratégia redistributiva, urgente nesta quadra da história brasileira, de forma mais específica, ou no plano do debate da revolução social.

5- CONSIDERAÇÕES

Para se analisar de forma mais propositiva os caminhos e descaminhos da política para a classe trabalhadora seria necessário um espaço do qual este texto não dispõe.Um aprofundamento rigoroso do encadeamento de fatos relevantes no plano político-econômico e um tempo de trabalho muito maior dos pesquisadores. Apresentou-se aqui um ensaio de interpretação do fenômeno a partir de algumas abstrações, uma provocação ao leitor e a apresentação de algumas questões de um diálogo que precisa ser adensado.

Se algumas das provocações presentes no texto são explícitas, outras não aparecem com a mesma clareza. No plano do debate profissional do Serviço Social o texto pode ser provocativo, seja porque esses debates profissionais fazem referência às lutas da classe trabalhadora no plano ético-político revolucionário, seja porque a preocupação profissional no plano do imediato seja mitigar os impactos da questão social.

As provocações também estão presentes no debate político contemporâneo em cenário de crise. Crise que para a classe trabalhadora é a fome, e para a ordem do capital é crise de realização do valor no volume necessário para continuar crescendo. Nestes tempos há de se refletir sobre o possível surgimento de estratégias conciliadoras milagrosas, que, mais uma vez castram o horizonte da luta política para o limite de alguma distribuição de riqueza (mesmo que temporária). É fundamental uma inteligência política transcendente que seja capaz de perceber o momento de conciliação como estratégia para avançar também no plano revolucionário.

[6] Aqui se faz referência à construção de Konder (2000), na obra *Os sofrimentos do "homem burguês"*.

6- REFERÊNCIAS

CHASIN, J.*A miséria brasileira 1964 - 1994:* do golpe militar à crise social. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 2000.

DUAYER, M. Mercadoria e trabalho estranhado: Marx e a crítica do trabalho no capitalismo. In: *Margem Esquerda. Ensaios marxistas*, Nº 17, novembro. São Paulo: Boitempo, 2011a, p. 88-99.

ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 1988.

FONTES, V. *O Brasil e o capital-imperialismo:* 2ª ed. Rio de Janeiro: *Teoria e história*, 2010.

HEINRICH, M. *Crítica de la economía política. Una introducción a El Capital de Marx*. Madrid: Escolar y Mayo Editores, 2008.

JAPPE, A. et. Al. *Capitalismoemquarentena: notassobre a crise global*. São Paulo: EditoraElefante, 2020.

KONDER, Leandro. *Os sofrimentos do "homem burguês".* Editora SENAC, São Paulo, 2000

LIMA, Ludimilla de. Rio ganha hospital cinco estrelas com conceito luxuoso. *EXTRA,* Rio de Janeiro, 09 de outubro de 2016. Rio. Disponível em <https://extra.globo.com/noticias/rio/rio-ganha-hospital-cinco-estrelas-com-conceito-luxuoso-20262131.html>Acessado em 25 de maio de 2022.

MARX, K.*O Capital*. *Crítica da Economia Política.* 12ª ed, livro 1, volume I e II, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1994.

_____.*A ideologia alemã.* 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____.*Para a Crítica da Economia Política. Manuscrito de 1861-1863. Cadernos I a V. Terceiro Capítulo – O Capital em geral*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MANDEL, E. *A crise do capital*. Campinas: UNICAMP, 1990.

MURTHY, V. *Reconfiguring Historical Time: Moishe Postone's interpretation of Marx*, in *History and Heteronomy: Critical essays*. (UTCP Bookelt 12). Postone, M.; Murthy, V.; Kobayashi, Y. (orgs.). Tokyo: UTCP, 2009, p. 9-30.

OXFAM GB. *O vírus da desigualdade:* Unindo um mundo dilacerado pelo coronavírus por meio de uma economia justa, igualitária e sustentável. 2021. Disponível em: https://materiais.oxfam.org.br/o-virus-da-desigualdade Acesso em: 20 mar. 2021.

ROSDOLSKY, R. *Génese y Estructura de el Capital de Marx* (Estudios sobre losGrundrisse). 6a ed. México: Siglo XXI, 1989.